

As bregafestas de fim de ano (apenas uma reflexão pessoal)

Raymundo de Lima*



Peço perdão aos festeiros de fim de ano, pela minha irritação com o mesmo dessa época. Acho horrorosas as musiquinhas de Natal tocadas com arpa, os anúncios televisivos anunciando as festas de fim de ano, os enfeites bregaluminosos nas árvores urbanas, as filas, a obrigação de desejar feliz Natal e Próspero Ano Novo, receber-enviar mensagens etc. Na verdade, me irrita com o consumismo e a profanação do significado do nascimento de Jesus. Incomodo-me especialmente com as mulheres que entram em frenesi com as compras de roupas pra si, para parentes e crianças exigentes com presentes de griffes, a ansiedade dos preparativos para a ceia de Natal, seleção dos convidados. Por que “tem que ter” ceia a meia-noite? Por que “tem que ter” peru? No Rio, por que “tem que ter” rabanada gordurosa?

Não odeio o Natal, tal como exortam as comunidades da internet, mas sim, odeio o imperativo categórico de “ter que” fazer isso e aquilo, entrar no espírito da época, e parecer feliz. Nietzsche observa que o que importa em nossa época é ‘parecer feliz’ do que ‘ser feliz’. No clima de final de ano é proibido ficar triste, deprimido e

sozinho; voluntários se encarregam de proibir que o seu ‘próximo’ (no sentido cristão) se deprima e fique só. Tudo bem que se trata de uma boa intenção, mas pode também ser um indício de neofascismo inconsciente, já que existe uma pressão para uniformizar as pessoas no clima festeiro. A histeria coletiva festiva de ocasião (*made in* superego pós-moderno) impõe à uniformização da alegria, de preferência cada individuo deve estar com uma latinha de cerveja na mão e pronto para fazer tiradas infantis.

O efêmero X sentido construído

Tem gente que fica verdadeiramente feliz apenas com uma palavra, gesto, saudação formal, ainda que com conotações hipócritas. Daí minha dúvida: é melhor para a alma ou psiquismo humano ter um instante de prazer de ocasião, autêntico ou falseado, ou suportar o peso da verdade, i.é, o *sentido construído* pelos capitalistas e religiosos? Faz bem para o psiquismo entrarmos no clima bregafesta de final de ano, comercializado, trivializado e hipócrita, ou é melhor se adotar uma atitude indiferente, subjetivamente amarga ou azeda, influenciado nos discursos racionalizantes *mande in* marxismo-jdanovista ou macartista?

Que fazer para enfrentar o atravancamento das ruas e shoppings, obrigatório nas grandes cidades? Agora, se as pessoas preferem gastar seu 13º com compras de objetos necessários ou supérfluos, é problema delas. Na democracia, nem todos conseguem superar a minoridade enquanto consumidor e poupar o suado dinheirinho. Na condição infanto-juvenil, cada um acredita nos seus ídolos, santos,

mitos, rei disso e daquilo, e faz-de-conta de Papai Noel. Ridículo é um ditador proibir a figura igualmente ridícula do Papai Noel, e forçar o povo acreditar no que ele acredita. O paternalismo autoritário e o infantilismo de esquerda ou direita só serão superados quando o povo for “adulto e esclarecido”, nos alerta Kant.

Menoridade à maioria de ser-no-mundo

Há intelectuais supostamente “adultos, esclarecidos”, mas tão chatos no final de ano, que pulverizam seu azedume em falas e textos depressivos. Recentemente li um texto que revela a amargura do autor contra o Natal, e favorável as festas de passagem de ano. No fundo, ele faz parte da legião dos esperançosos do novo ano. Contra o espírito religioso do Natal, eles advogam uma festa laica e universal do Ano Novo. Sem querer, eles caem noutro espírito religioso, em que a virada do ano “tem que” ser na casa de fulano, ou nas montanhas, ou na praia? “Tem que” vestir branco, tomar espumante, contagem regressiva, abraços à meia-noite em ponto, isso é, “tem que” confraternizar. Se o fundo musical do povão é neosertanojo e baianojo, eles tocam MPB ultrapassada. Você “tem que” aceitar os rituais de sorte: comer lentilha, guardar sementes de romã, pular sete ondas. Ninguém parece se importar que a virada do ano só seja comemorada pelos povos que seguem o calendário gregoriano.

Rito de passagem

Compreendo que o ser humano precisa de ritos de passagem, com datas e festejos. Materialista dialético ou pós-moderno relativista, ambos evocam esses

dispositivos mágicos visando fundar um sentido existencial, num mundo esvaziado de valores e em constante risco. O rito em forma de bregafesta é importante para celebrar que “chegamos juntos”: sobrevivemos à gripe A, à crise-marolinha, às enchentes e outros efeitos do aquecimento global, à violência urbana, às tragédias pessoais etc. E se apóiam no pensamento mágico cuja expectativa é ser feliz no novo ano.

Reforçamos, então, os vínculos humanos como amizade e família, celebrando a vida “existente”. Por que não no Natal, Ano Novo, mas sem o histerismo consumista ou faz-de-conta que ‘estamos todos bem’, lembrando o filme protagonizado por Marcelo Mastroiani.

Felizmente, o trabalhador hoje pode viajar no final de ano para sua terra natal. Ele oportuniza nessa época de férias coletivas um encontro entre filhos e pais geralmente idosos, cada qual com sua memória celebram mais um encontro. Ora, a data do Natal pode ser pretexto para encontros de existências ou reparos dos antigos que ficaram mal costurados. Apesar da perversão consumista, ainda bem que podemos nessa ocasião recarregar as baterias e repensar um novo projeto de vida. Todavia, os carentes de sabedoria prática não enxergam isso. Os que “vivem, mas não sabem existir”, não produzem *insights*. E, pouco importa ter que enfrentar a confusão das rodoviárias e aeroportos, o trânsito nas rodovias, a probabilidade do extravio de malas e acidentes de trânsito, os pedágios majorados etc. Vale ‘à pena se a alma não é pequena’! Feliz Natal. Feliz Ano Novo.



* **RAYMUNDO DE LIMA** é Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professor do Depto. Fundamentos da Educação, na área de Metodologia da Pesquisa, da Universidade Estadual de Maringá (UEM)